

Mistura explosiva

O avô paterno do alemão Andreas Heinecke, 50, era simpatizante do nazismo. O avô materno, judeu. O pai de Heinecke recebeu uma educação militarista, extremamente rigorosa. A mãe teve a família praticamente dizimada em campos de concentração. O casal nasceu no mesmo ano, 1928, e se encontrou depois da Segunda Guerra, em 1950, ele trabalhando como jornalista de uma agência e ela, como secretária do mesmo lugar.

Os dois se separaram quando Heinecke tinha dez anos, e só aos 13 ele soube que a mãe tinha origem judaica. A história o chocou tanto que ele se tornou obcecado pela causa e escreveu uma tese sobre o assunto.

Há 17 anos, preocupado com as minorias, fundou o "Museu do Diálogo no Escuro", onde cegos conduzem os visitantes em um ambiente sem luz e os surdos ensinam a ouvintes sua maneira de escutar. O sucesso foi instantâneo. Heinecke esteve no país para discutir com o empresário Bernard Kaplan a implantação do museu por aqui.

O que seus pais diziam sobre suas origens antagônicas?

Nada. Era um tabu em casa. Nunca soube da história deles até os 13 anos, quando estava assistindo a um documentário sobre a 2ª Guerra na TV, brincando com meus tanques e aviões, e me mostrei fascinado pelo poder e pela idéia de dominação. Minha mãe teve uma crise de choro e me contou sobre sua origem judaica.

O sr. foi uma criança nazista?

Apenas queria estar do lado do poder, como todas as crianças. Para mim, naquela idade, existia o bem e o mal. O bem era quem ganhava e, numa inversão, eu achava que os judeus eram os culpados pela derrota dos alemães.

O que aconteceu quando sua mãe contou a história dela?

Minha identidade rachou ao meio. No dia seguinte, pintei em todos os meus tanques e aviões uma cruz vermelha. Eu não era mais vencedor nem perdedor. Tornei-me um obsessivo pelo tema: li tudo sobre o Holocausto, fiz doutorado sobre reflexos da 2ª Guerra no Leste Europeu, queria estudar a discriminação. Hoje, estou casado com uma judia, minha quarta mulher.

Voltando a seus pais e ao tabu: como pode um casal não contar aos filhos sobre suas origens? Supõe-se que, quando se casaram, estavam apaixonados e tinham resolvido isso?

Naquela época o amor não era tão importante para um casal quanto hoje. A mídia o valoriza muito. Lembre-se de que meus pais estavam no pós-guerra, e as pessoas se casavam muito mais por motivos econômicos, pragmáticos, para se ajudar na renda doméstica ou para procriar, produzir uma família.

Mesmo assim: não havia outra mulher para ele na cidade ou outro homem para ela?

Minha mãe, que a essa altura tinha mudado o seu nome de batismo, de Ingrid



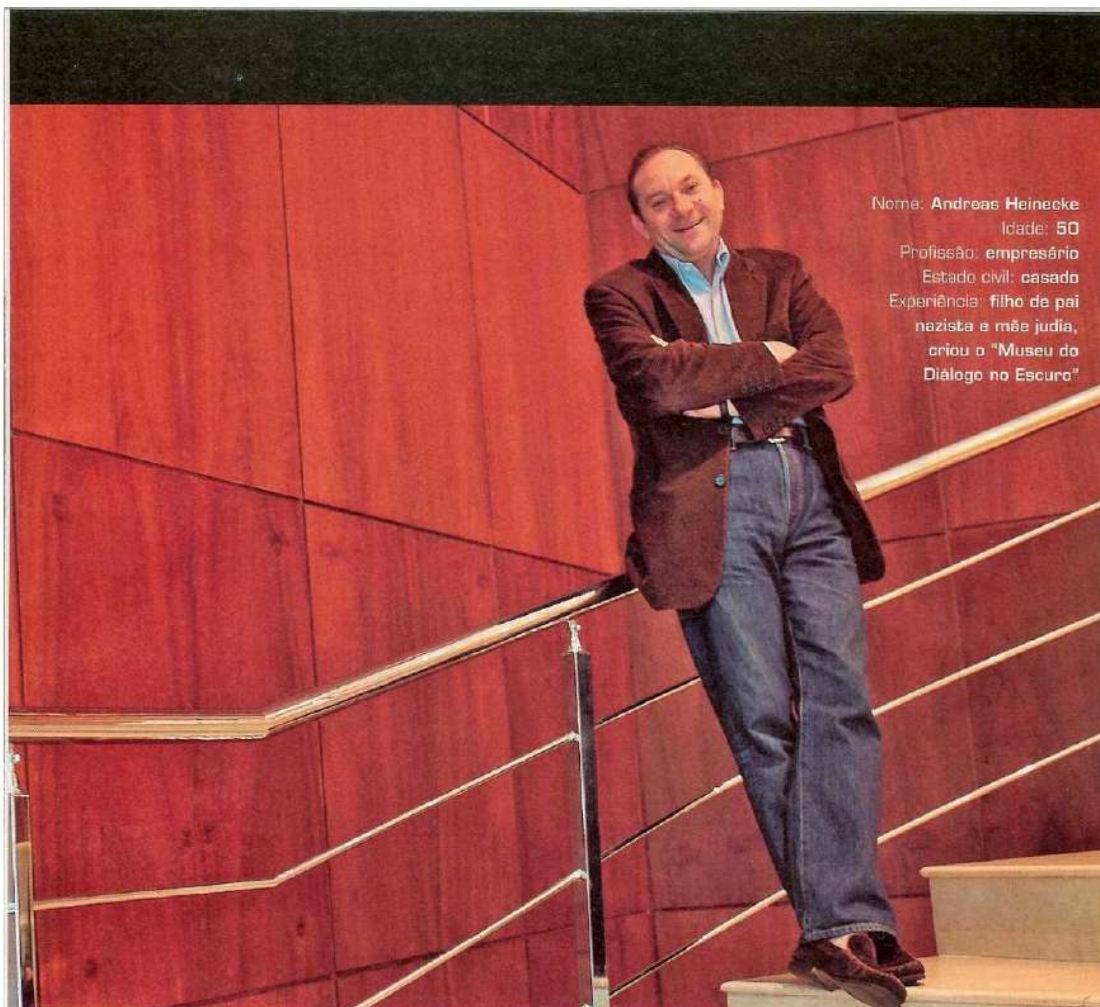
para Matisher, cresceu com o trauma do sofrimento. Era um arquétipo da infância que misturava medo e intimidação. Ela procurou isso num homem.

Como o sr. passou do Holocausto para o diálogo no escuro?

Eu trabalhava em uma estação de rádio e estava entrevistando um cego que perdeu a vista em um acidente. Percebi como era fácil eliminar os mais fracos. Por isso o nome da exposição é "Diálogo no Escuro". É uma metáfora da comunicação.

Mas, nos países civilizados, não há mais respeito pelos direitos dos deficientes?

Negativo. Nem na Escandinávia. O ser



Nome: **Andreas Heinecke**
 Idade: **50**
 Profissão: **empresário**
 Estado civil: **casado**
 Experiência: **filho de pai nazista e mãe judia, criou o "Museu do Diálogo no Escuro"**

Karime Xavier/Folha Imagern

humano não perde a oportunidade de chutar um cachorro morto.

E qual a idéia básica da exposição?

É mostrar que os nossos sentidos enganam. Por exemplo: num dos espaços, de 400 m², um cego guia um grupo de oito pessoas no escuro –ali, ele é quem mais enxerga. Isso dá aos visitantes a idéia de como os cegos se sentem. O grupo passa por vários ambientes, um de natureza, com plantas, depois uma sala de som, outra de cheiros, um barco que está na água e, no fim, chega a um bar. Os visitantes são instados a pedir drinques. A maioria

das pessoas se sente muito aflita. Hoje, há seis mostras fixas em museus próprios e outras itinerantes por mais de cem países.

Quem a promove?

A princípio, era eu, mas, depois, à medida que museus de outros países compraram a idéia, recebi ajuda dos interessados.

E aqui no Brasil?

O empresário Bernard Kaplan (que trabalha no planejamento de shoppings) quer trazer a exposição para esses espaços, que aqui são os ambientes mais comunitários na cidade.

Faremos uma experiência em Brasília de 24 a 30 de abril, na Empresa Brasileira de Agropecuária (Embrapa). (Kaplan, que tem origem judaica, diz como se sentiu ao visitar a exposição: "Se você vê uma mulher bonita na rua, olha. No escuro, tem que usar outros sentidos. Ali, o 'coitado' não é o cego, como a gente costuma dizer, mas a gente. Tudo se baseia na inversão dos sentidos. Um israelense e um palestino sairão dali os melhores amigos.)

Para Kaplan: Não é um exagero?

Estou falando sério. Eu nunca mais fui o mesmo.

Revista da Folha, 19 de fevereiro, 2006